

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE HISTÓRIA

**MARIA JOAQUINA DA COSTA BOTELHO DE MAGALHÃES:
A MATRIARCA DA FAMÍLIA BOTELHO DE MAGALHÃES SOB A ÓTICA DE
CORRESPONDÊNCIAS ENTRE 1863 E 1921.**

ARIANA COSTA DOS SANTOS

Rio de Janeiro

2021

ARIANA COSTA DOS SANTOS

**MARIA JOAQUINA DA COSTA BOTELHO DE MAGALHÃES:
A MATRIARCA DA FAMÍLIA BOTELHO MAGALHÃES SOB A ÓTICA DE
CORRESPONDÊNCIAS ENTRE 1863 E 1921.**

Monografia do Curso de História da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Bacharel em
História.

Orientador: Prof. William Martins.

Rio de Janeiro

2021

MARIA JOAQUINA DA COSTA BOTELHO DE MAGALHÃES:
A MATRIARCA DA FAMÍLIA BOTELHO MAGALHÃES SOB A ÓTICA DE
CORRESPONDÊNCIAS ENTRE 1863 E 1921.

Ariana Costa dos Santos

Orientador: William Martins

Monografia do Curso de História
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Bacharel em História.

Aprovada por:

Orientador - Prof. Dr. William Martins

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Rio de Janeiro

2021

Aos que amo,
e a todos que passaram
e permaneceram
em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, meus irmãos e meus familiares pelo apoio que me foi dado durante toda a vida.

Aos meus amigos que incentivaram e me deram forças para continuar nos períodos de maior pressão. Aos integrantes da turma 2015.2 e a todos que pude conviver no curso de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela vivência nesses cinco anos, especialmente a Luana Oliveira que esteve comigo durante todos os momentos.

Aos meus companheiros e amigos do MCBC: Maria Alice, Marcos Felipe, Mércia, João, Luís Antônio, Edivaldo, Eduardo, Henrique, Lucelena, Kátia, aos rapazes da jardinagem e a toda equipe de segurança. Vocês foram essenciais para que eu escolhesse o curso de história e que pudesse me dedicar integralmente a ele.

Um agradecimento especial a Elaine Carrilho e Christiane Pereira de Souza, duas mulheres, diretoras de grandes instituições (Museu Casa de Benjamin Constant e Igreja Positivista do Brasil, respectivamente) que abriram as portas para que esta pesquisa fosse possível. Estar próxima a vocês só intensificou toda a admiração que tenho.

Agradeço também ao meu orientador, professor William Martins, por todo o suporte nas minhas dúvidas e inseguranças; e a todos os professores que fizeram parte da minha formação educacional do jardim de infância ao ensino superior. A educação é e sempre será o único caminho possível.

RESUMO

Neste trabalho será realizado um estudo sobre Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães: mulher, mãe e esposa na sociedade carioca da segunda metade do século XIX e início do século XX (1863-1921).

A análise é centrada na personagem Maria Joaquina, esposa de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, professor, positivista, militar e considerado Fundador da República Brasileira, título este dado pelos membros da Assembleia Nacional Constituinte de 1891¹ e que encontra-se presente em placa na entrada do museu casa em sua homenagem no bairro de Santa Teresa/RJ.

Através de publicações do período e correspondências familiares, busca-se discutir os padrões de conduta imposto sobre as mulheres, e como a personagem relacionava-se com familiares e conhecidos, e como o controle era exercido sobre as mulheres.

Pretende-se, conhecer mais sobre o cotidiano feminino e a participação da personagem como “guardiã” e mantenedora da memória de seu marido.

Palavras-chave: Maria Joaquina, Mulher, República, Cotidiano

¹ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891). Art 8º - O Governo federal adquirirá para a Nação a casa em que faleceu o Doutor Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nela mandará colocar uma lápide em homenagem à memória do grande patriota - o fundador da República. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 29/10/2021 as 19:03.

ABSTRACT

In this work, a study will be carried out on Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães: woman, mother, and wife in Rio society in the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century (1863-1921).

The analysis is centered on the character of Maria Joaquina, wife of Benjamin Constant Botelho de Magalhães, professor, positivist, military and considered Founder of the Brazilian Republic, a title given by the members of the Constituent National Assembly in 1891 and which is present on a plaque at the entrance of the house-museum named after him in Santa Teresa/RJ neighborhood.

Throughout publications from the period and family letters, it is sought to discuss the patterns of conduct imposed on women, how the character related to family members and acquaintances, and how control was exercised over women.

The intended objective is to discover more about the female daily life and Maria Joaquina's role in maintaining and being a "guardian" of her husband's memory

Keywords: Maria Joaquina, Woman, Republic, Daily

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. Capítulo – MARIA JOAQUINA – CONTEXTO E FAMÍLIA.....	12
3. Capítulo – HISTÓRIA DAS MULHERES	18
3.1 - Mulheres no Brasil século XIX	21
4. Capítulo – POSITIVISMO E O FEMININO	25
5. Capítulo – FONTES	28
6. Considerações Finais.....	42
7. Referências Bibliográficas.....	43

1 INTRODUÇÃO

Maria Joaquina Botelho de Magalhães, mulher, nascida em 1848, casada com o professor e militar brasileiro Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Matriarca de uma família de seis filhos, sendo cinco mulheres. Dedicou sua vida a sua relação matrimonial e familiar. Escolhida como personagem principal dessa pesquisa, devido a sua relevância enquanto esposa de um dos principais articuladores do processo de instauração da república no Brasil.

A figura de Maria Joaquina desperta curiosidades, pois mesmo inserida em um contexto em que o ambiente feminino era delimitado por convenções sociais do fim do século XIX, é personagem constante nas documentações relacionadas a seu marido e preocupou-se com a conservação dos documentos e objetos pertencentes a seu marido e família.

Essa pesquisa visa demonstrar como a escrita e as relações estabelecidas através das correspondências representam Maria Joaquina ocupando os espaços socialmente atribuídos às mulheres no período de 1863 a 1921, ou seja, uma mulher pertencente a sua temporalidade, e qual teria sido sua participação na construção da figura heroica, positivista e republicana de Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

O corte temporal delimita-se ao período da vida de Maria Joaquina enquanto casada e viúva, onde a construção dela como mulher e conservação da estrutura familiar tornam-se mais evidentes, podendo assim expandir a análise da documentação existente sobre a família Botelho de Magalhães, de suma importância no processo de transição entre império e república, além de sua ampla ligação com o movimento positivista. O foco se mantém nas publicações do período e correspondências familiares sobre a matriarca da família, Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães.

A escolha do corte temporal deu-se devido ao entrelaçamento da união do casal em matrimônio em 1863, a proclamação da república em 1889, passando pelo falecimento de Benjamin Constant, até a morte de Maria Joaquina Costa Botelho de Magalhães em 1921.

O acervo da família Botelho de Magalhães é composto em sua maioria por correspondências da família, onde através delas já foram produzidos diversos trabalhos voltados a questões militares, a trajetória de Benjamin Constant com a educação, a república, entre outros. No entanto dentre esses objetos ainda não se destacam as documentações

produzidas pelas mulheres dessa família, dentre elas a matriarca Maria Joaquina da C. Botelho de Magalhães.

A intenção com esse estudo será através da documentação buscar elementos na escrita de Maria Joaquina e nas publicações sobre a mesma, que identifiquem seu espaço de atuação e sua rede de sociabilidade, seja ele privado ligado ao seu cotidiano familiar; ou a uma possível participação no ambiente público, no auxílio à construção da imagem de memória de seu marido Benjamin Constant após sua morte e seu bom relacionamento com figuras de relevância militar.

Logo, indagaremos: Teria sido Maria Joaquina, a grande guardiã da memória de Benjamin Constant, e responsável pela sobrevivência até os dias de hoje de seus artefatos como vestimentas, objetos pessoais, e a vasta documentação que registra o grande momento histórico da Proclamação da República e seus primeiros anos, com Benjamin Constant a frente do Ministério da Guerra e posteriormente do Ministério da Instrução Pública e Telégrafos?

Segundo Marieta de Moraes Ferreira (2001, p.2), “nas últimas décadas tem sido crescente o número de estudos sobre o papel das mulheres na sociedade brasileira. Os trabalhos existentes em geral privilegiam ou figuras de mulheres anônimas pertencentes às camadas populares, ou figuras de destaque, de papel reconhecido em momentos ou eventos da história do país.”

A análise de correspondências pessoais, em contrapartida das análises de publicações “oficiais”, tem por destaque a escrita que abre espaço a particularidades, intimidades e juízo de valor que não podem ser encontradas em outras fontes. A escolha de uma personagem particular, nos leva a questões além da generalização relativa a posturas femininas do período e seu discurso de normatividade; podendo dar destaque a como a mesma relacionava-se com os seus sentimentos e com seu tempo.

Nos capítulos deste trabalho, destacaremos o contexto da história das mulheres no meio acadêmico e sua expansão no Brasil, a contextualização e influência do positivismo sobre o período e a família Botelho de Magalhães, além da análise das fontes de correspondência.

As correspondências encontram-se inseridas na Série - Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães, subséries - correspondência familiar e correspondentes; pertencentes ao acervo do Museu Casa de Benjamin Constant, localizado no bairro de Santa Teresa na Cidade do Rio de Janeiro e administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. As

publicações do período são pertencentes ao arquivo da Igreja Positivista do Brasil, localizada no bairro da Glória/RJ.

2 MARIA JOAQUINA – CONTEXTO E FAMÍLIA

Maria Joaquina Bittencourt Costa Botelho de Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 16 de abril de 1848, filha de Claudio Luiz da Costa, médico e segundo diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos², atual Instituto Benjamin Constant. Criada, na primeira infância, por sua irmã Olímpia Coriolana Gonçalves Dias, que foi casada em 1853 com o escritor Antônio Gonçalves Dias³.

Aos 15 anos, casou-se com Benjamin Constant Botelho de Magalhães em 17 de abril de 1863, a época professor ingressante no Imperial Instituto. Segundo palavras de Raimundo Teixeira Mendes, intelectual do período, vice-diretor da Igreja Positivista do Brasil e apoiador do movimento republicano liderado por Benjamin Constant “Desde então tornou-se ela o centro da existência do benemérito patrióta, que teve a felicidade de encontrar assim a companheira devotada de sua vida objetiva e a zeladora escrupulôza de sua memória.” (MENDES, 1913, p.85). Mostra-se necessário destacar que a citação acima registrada se trata da visão de um intelectual positivista diretamente ligado à família Botelho de Magalhães e que possuía estima pública para com o marido de Maria Joaquina, Benjamin Constant.

Juntos, Benjamin Constant e Maria Joaquina, tiveram oito filhos, sendo cinco mulheres: Aldina (1864-1938), Adozinda (1866-1942), Alcida (1869-1957), Bernardina (1873-1928) e Araci (1882-1961). Três homens: Benjamin (1871-1901), Leopoldo (1870-1871) e Claudio (1875-78), dois últimos mortos ainda nos primeiros anos de vida. Maria Joaquina é descrita nas obras produzidas sobre Benjamin Constant, como as biografias escritas por Teixeira Mendes e Renato Lemos, que analisaremos neste trabalho, como uma mulher auxiliadora de seu marido, grande mãe e protetora de sua família.

Claudio Luiz da Costa criou suas filhas, Maria Joaquina, Maria Benedita Guimarães e Olimpia Coriolano da Costa; solteiro, e com grande preocupação no futuro das mesmas, tendo elas sido letradas e educadas para que pudessem conquistar bons casamentos grande objetivo feminino como pensamento social do período.

Claudio Luiz identificou em Benjamin Constant um homem bem articulado no ambiente educacional, aceitando-o como pretendente a sua filha mais nova. A união entre

² Instituição voltada a educação de deficientes visuais e a difusão do ensino de Braille. Inaugurada em 17 de setembro de 1854 com o nome de Imperial Instituto dos Meninos Cegos, passando após a República a chamar-se “Instituto dos meninos cegos”, posteriormente “Instituto Nacional dos Cegos”, até 1891 quando é batizado de Instituto Benjamin Constant, em homenagem a seu terceiro diretor. FONTE: <http://www.ibc.gov.br/o-ibc>

³ Poeta e escritor brasileiro. 1823-1864.

Benjamin e Maria Joaquina não significou no período uma união visando lucros ou vantagens às partes, já que Claudio Luiz e suas filhas não possuíam grandes posses, tão pouco grande influência na elite carioca. Benjamin Constant, segundo sua biografia, sempre passou por grandes dificuldades financeiras e trabalhava em mais de dois empregos ao mesmo tempo, para levar sustento a sua mãe, com sérios problemas de saúde após a morte do pai de Benjamin. No entanto, a afinidade e amizade entre Benjamin e Maria Joaquina sempre são apresentados com destaque nas documentações e correspondências trocadas entre o casal durante o casamento.

No livro de Renato Lemos, “Cartas da Guerra” (1999) são transcritas cartas escritas por Benjamin Constant durante sua estada nas trincheiras da Guerra do Paraguai. Nas cartas trocadas com sua esposa, Benjamin deixa claro seu amor e preocupação. A correspondência de 05 de junho de 1867, Benjamin responde a carta de Maria Joaquina com os trechos:

As tuas cartas são-me muito. [...] nela, com a tua linguagem singela, mas [...] verdadeira, todos os sentimentos, toda [...] alma. Não fazes idéia como me falaram ao coração as palavras de verdadeira amizade, a manifestação simples e natural dos teus desejos a [...] respeito os teus pensamentos, o teu amor. (LEMOS, 1999, p.167)

Por amor de [ti], somente por ti quebro este meu propósito (nas condições acima), peço a minha demissão embora a guerra não esteja acabada. Que queres mais que faça? Se arranjar algum emprego fora do campo mando-te [buscar]? Que posso prometer-te mais? Queres que te faça promessas agradáveis aos teus desejos naturais, é verdade, mas que eu não posso nem devo cumprir. (LEMOS, 1999, p.169)

Tu és para mim muito mais que a Clotilde de Vaux era para o sábio e honrado Auguste Comte. Sigo, como sabes, todas as suas doutrinas, seus princípios, suas crenças: a religião da humanidade é a minha religião, sigo-a [de coração] com a diferença, porém de que para mim a família está acima de tudo (LEMOS, 1999, p.169)

Nas palavras podemos destacar a relação de intimidade entre o casal e a força das palavras de Maria Joaquina nas decisões de Benjamin. Apesar das cartas escritas por Maria Joaquina e enviadas a Benjamin Constant não terem sido encontradas, é possível através das respostas identificar elementos da insatisfação de Maria Joaquina com a presença do mesmo na guerra. No terceiro trecho da correspondência, Benjamin Constant recorre a uma citação baseada no positivismo e discursada publicamente⁴ para reafirmar a esposa que a relação entre eles e a família estaria acima de qualquer ideia político, ou religioso.

⁴ “A humanidade vale mais do que a Patria e a Patria mais que a Família.” Parte de discurso público de Benjamin Constant em 30 de novembro de 1889. (MENDES, p. 389, 1921)

Benjamin Constant Botelho de Magalhães foi um professor de matemáticas em escolas civis e militares, militar brasileiro, nascido em 1837, filho do português Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães e da brasileira Bernardina Joaquina Botelho de Magalhães. Sua trajetória profissional e pessoal o levou a participar do movimento militar de transição entre Império e República no Brasil, e como citado pelo autor Renato Couto Lemos na biografia publicada “Benjamin Constant: Vida e História” foram “algumas de suas intervenções sociais [que] contribuíram para alterar o rumo do processo histórico brasileiro.” (LEMOS, 1999 p.68).

No artigo de Renato Lemos intitulado “Benjamin Constant: Biografia e explicação histórica” o autor descreve que a imagem heroica construída pelos positivistas através de sua primeira biografia escrita por Teixeira Mendes, e na construção de um monumento em sua homenagem, na tentativa de consolidar uma república recém criada, não condizia com a imagem que Benjamin tinha sobre si, de adversidade na perda de seu pai e na loucura de sua mãe, na perda de dois de seus filhos, e na demora no reconhecimento de sua carreira militar. Carreira esta que foi iniciada apenas com o objetivo de levar mais segurança financeira a sua família: “o retrospecto de sua vida até a crise final da Monarquia – cidadão pacato, voltado para a família e o trabalho, infenso às atividades políticas – não aponta qualquer circunstância que pudesse habilitá-lo ao papel de herói republicano.” (LEMOS, 1997, p.74) e sem grandes pretensões de liderança ou republicanismo.

A família Botelho de Magalhães inserida no contexto oitocentista não pode ser considerada uma família abastada, visto que, segundo consta nos documentos analisados por Renato Lemos na Biografia de Benjamin Constant publicada em 1999, por muito tempo passaram por grandes dificuldades financeiras, até que seu patriarca conseguisse uma posição de prestígio profissional. Tal prestígio conquistado, junto aos positivistas, aos seus alunos da Escola Militar, e os acontecimentos de novembro de 1889 acabaram por alçar a família a uma posição de destaque no cotidiano político e social no Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do XX.

Benjamin Constant participou da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) no Paraguai em campo, tendo, no entanto, sua participação interrompida devido a doenças, o que fez com que seu retorno ao Rio de Janeiro fosse realizado de forma precoce e que o levasse a morte anos mais tarde.

Um episódio desse período que chama a atenção e é brevemente comentado na primeira biografia de Benjamin Constant⁵, teria sido a tentativa de intervenção por parte de sua esposa, Maria Joaquina, junto ao Imperador, para que seu esposo não fosse enviado para a guerra devido a suas indisposições de saúde já existentes na época. O que já desperta o olhar sobre essa figura feminina que se desvincula, mesmo que temporariamente, de seu papel de subserviência a seu marido e se direciona diretamente ao imperador na tentativa de defesa de seu marido e família.

Mesmo com a tentativa e liberação por parte do imperador, Benjamin Constant não aceita a intervenção de sua esposa, e como descrito em sua biografia, rechaça o pedido feito por Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães. Renato Lemos acrescenta em sua obra biográfica, que a experiência de Benjamin Constant na Guerra do Paraguai foi decisiva para sua formação política e positivista.

Foi durante o período de um ano em que esteve nas trincheiras que Benjamin Constant se comunicou através de correspondências com sua esposa Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães, e através dela obteve notícias sobre os acontecimentos políticos no Rio de Janeiro. As correspondências enviadas por Benjamin Constant fazem atualmente parte do acervo documental do Museu Casa de Benjamin Constant – Ibram/RJ, e podem ser encontradas também na publicação “Cartas da Guerra. Benjamin Constant na Campanha do Paraguai” de 1999. Não fazem parte do acervo as correspondências enviadas por Maria Joaquina ao esposo. O que dificulta a análise das informações enviadas por ela.

Na biografia de 1892 escrita por Teixeira Mendes fica explícito já na dedicatória a importância de Maria Joaquina na preservação da história do Fundador da República. Teixeira Mendes transcreve uma carta de 02 de julho de 1891, ano do falecimento de Benjamin Constant, onde direciona a ela todo seu agradecimento na permissão de acesso aos documentos de posse da família e de informações sobre a infância e dia a dia de Benjamin Constant.

Minha Senhora. Sem o vósso inestimável concurso não poderia eu ter escrito ésta vida de vósso glorioso espoz. Tão delicada próva de confiança bastaria para que eu solicitasse a autorização de vo-la dedicar. E o assentimento com que me honrastes constitúi um novo motivo de minha gratidão para convosco. (MENDES, 1913, p.V)

⁵ MENDES, Teixeira. p. 555, 1913

Ao final da publicação da biografia, Maria Joaquina faz apontamentos sobre a publicação que se apresentam no capítulo XXXVI como “observações da digna viúva de Benjamin Constant acerca deste esboço biográfico”. Nele a mesma discorda de algumas afirmações feitas por Teixeira Mendes em alguns pontos levantados na biografia, ou via como necessidade o acréscimo de informações.

Na publicação que Raimundo Teixeira Mendes denominou “esboço biográfico” há referências a Maria Joaquina como uma mulher cuja opinião foi suma importância para as decisões tomadas por Benjamin Constant; no entanto, sua imagem está sempre inserida no contexto de narrativa do seu esposo. Não há uma narrativa sobre quem foi e como ocorreu a articulação dessa mulher no período em que viveu.

Torna-se importante salientar que Teixeira Mendes era um positivista muito próximo à família Botelho de Magalhães, e que por ela tinha muita estima. Assim sendo, a imagem de Maria Joaquina nas publicações da Igreja Positivista, incluindo a biografia de Benjamin Constant, construída nessas fontes deve ter como fator relevante a relação entre autor e personagem.

Maria Joaquina possuía grande obstinação na preservação da produção intelectual de seu marido. A existência de documentos reproduzidos por ela das obras de seu marido, ligadas à educação, ao positivismo e a seu trabalho nos ministérios do qual fez parte, comprovam que a conservação de vestimentas, documentos, cartas e objetos de uso pessoal não foram de forma casual. Podemos afirmar que havia na viúva a intenção de contribuição para transformar a trajetória de seu esposo parte da história do país não permitindo que sua trajetória fosse interrompida após sua morte.

...às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas, acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem. (PERROT, 1989 apud CATELLI, 1997, p.257)

Por decreto, após a morte do patriarca, ficava estabelecido que a casa, localizada em Santa Teresa, onde faleceu o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães e família seja adquirida pelo Estado e deixada em usufruto a viúva, segundo artigo oitavo das disposições

transitórias da constituição de 1891.⁶ Casa esta em que já havia a intenção de transformá-la em um espaço de memória a trajetória de Benjamin Constant, e que viria a se tornar o atual Museu Casa de Benjamin Constant. Fato este que corrobora com as ações de manter a memória familiar por parte de Maria Joaquina.

No mesmo artigo constitucional, há a primeira menção a Benjamin Constant como Fundador da República, título este eternizado na placa fixada na entrada da primeira casa adquirida de governo republicano brasileiro.

Maria Joaquina morre no dia 2 de abril de 1921.

⁶ Art 8º - O Governo federal adquirirá para a Nação a casa em que faleceu o Doutor Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nela mandará colocar uma lápide em homenagem à memória do grande patriota - o fundador da República.

Parágrafo único - A viúva do Dr. Benjamin Constant terá, enquanto viver, o usufruto da casa mencionada. Mandamos, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Constituição pertencer, que a executem e façam executar e observar fiel e inteiramente corno nela se contém. Publique-se e cumpra-se em todo o território da Nação.

Sala das Sessões do Congresso Nacional Constituinte, na Cidade do Rio de Janeiro, em 24 de fevereiro de 1891, 3º da República. (Constituição Federal 1891)

3 HISTÓRIA DAS MULHERES

A história das mulheres é um campo de estudo com grande expansão nas décadas de 1960 e 1970, gerando debates sobre a visão predominantemente masculina existente na história. No movimento que tinha como destaque países como Estados Unidos e França, mas que geraram impactos no mundo, mulheres buscavam pautas contra a desigualdade de gênero e igualdade de direitos.

Com a consolidação do movimento feminista como pauta política e de defesa dos direitos civis e das minorias, houve um despertar para a trajetória de mulheres e sua própria história. O avanço em diversos campos; a criação de instituições de defesa dos direitos das mulheres, leis em busca da igualdade, também chegaram à academia.

O campo da pesquisa histórica também sofria transformações oriunda dos novos debates e mudanças de pensamento que buscavam uma ampliação das problemáticas e visando dar luz a novos objetos e sujeitos até então deixados em segundo plano. As tendências historiográficas eram predominantemente estruturalistas, e com ampla valorização do macro em detrimento a questões do indivíduo e de suas ações no âmbito privado.

Há, concomitantemente, uma crescente participação feminina nas universidades, primeiro como alunas, posteriormente como professoras e pesquisadoras, viu-se a necessidade de estudos, e disciplinas que fossem voltadas especificamente para a história das mulheres, de modo a inclui-las no debate histórico.

As mulheres eram até então ignoradas, em detrimento a valorização dos acontecimentos históricos voltados à política e economia, não havendo muito espaço para os sujeitos históricos. Quando há a presença do feminino, em maioria é colocada em uma posição generalizada e sem identidade; com ligação ao lar, a família, a maternidade e ao casamento.

A produção de trabalhos voltados às mulheres se intensificou, com ênfase no campo social, levantando questões até então inexistentes no âmbito quase exclusivamente masculino. Teriam as mulheres sua própria história? Como dar luz aos questionamentos sobre a participação feminina nos fatos históricos? A partir disso têm-se agora uma corrente de acadêmicos que acreditavam em um papel mais profundo dos personagens femininos.

A busca por respostas sobre a ausência de mulheres nos registros históricos nos leva a voltar às fontes em busca de questionamentos sobre silenciamentos, e dominação do masculino. É necessário buscar compreender como a visão sobre a figura feminina e seu papel social ao longo da história foi construído a partir da escrita masculina, influenciada por uma sociedade patriarcal, onde o discurso visava beneficiá-los perante a inferioridade e dependência feminina, envolvendo campos econômicos, religiosos e educacionais.

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo. (TEDESCHI, Losandro Antonio apud FARIAS, 2009, p.924)

Uma das vertentes levantadas pela autora Michelle Perrot em seus estudos seria sobre o que ela chama de “silêncio das fontes”⁷ e destaca a dificuldade de encontrar nos arquivos fontes de autoria feminina, devido a fatores como acesso tardio à alfabetização, e a dispersão das escritas de sua autoria devido à estrutura de pensamento que via na escrita feminina uma menor relevância em comparativo à masculina.

Havia também uma grande relação da memória com a influência religiosa na criação feminina. O pudor existente sobre o pensamento feminino tornou-se um grande empecilho perante os registros, pois muitos eram destruídos pelas próprias mulheres, em um ato de auto silenciamento sobre suas ações por medo do julgamento ou por não ver relevância no conteúdo.

A historiografia contemporânea também destaca como elemento de alto valor na análise a visão feminina sobre suas obras e produções literárias. Isabel Morujão (2011), doutora em literatura portuguesa, também explora as pesquisas sobre como as mulheres, com ênfase às religiosas, no início do período moderno, avaliavam suas produções e que por muitas vezes eram silenciadas pelas vozes masculinas que se apropriavam de suas produções, ou a relação do feminino com a sua própria escrita.

A relação de pudor feminino atingia também sua escrita, não somente quando os relatos envolviam intimidades, como também a assuntos de outras ordens. A escrita feminina no geral, é solitária, secreta e privada.

⁷ Livro “Minha história das mulheres” p. 17

Voltando-se para o caso particular de Maria Joaquina, apesar de o arquivo do Museu Casa de Benjamin Constant possuir a salvaguarda das correspondências recebidas por Maria Joaquina e algumas das escritas por ela a seus parentes e conhecidos; há poucos trabalhos científicos que deem destaque à narrativa feminina da família. À procura documental é majoritariamente sobre a narrativa do patriarca, Benjamin Constant; aos estudos sobre militarismo, positivismo e instauração da República no país. A família Botelho Magalhães era majoritariamente feminina, composta por além da matriarca outras cinco filhas.

Correspondências familiares podem ser ricas de informações “únicas” que em maioria só poderiam ser escritas pelo próprio autor, “como fonte, as cartas interessam pelo que contêm de indicativo sobre a pessoa, na posição de remetente ou de destinatário, e suas circunstâncias” (LEMOS, 2004, p.18). Há nas correspondências um teor de privilégio sobre a informação nelas contidas, levando-se em conta os objetivos de quem escreve e o que se propõe com a escrita. Não há nas cartas utilizadas como fonte histórica a relação de objetividade por parte de quem a escreveu, e que Ângela Gomes irá denominar como uma “escrita de si”, afinal as mesmas foram escritas com uma finalidade restrita ao seu destinatário, não havendo preocupação com posteridade ou qualquer comprometimento com uma possível publicação.

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o ‘grande’ homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, (...) abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem ‘anônimo’, do indivíduo ‘comum’, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si. (GOMES, 2004, p.13).

Apesar dos avanços nas pesquisas de gênero e história das mulheres, produzido por autoras como Michelle Perrot, Joan Scott, Mary Del Priore, entre outras; ainda há poucas análises referentes à escrita das correspondências femininas e seu espaço de sociabilidade. A escrita feminina no início do século XIX ainda era muito restrita a um grupo reduzido de mulheres, que de alguma forma obtiveram acesso à alfabetização. Dar luz a essa documentação seria uma forma de tornar visível a história de mulheres como Maria Joaquina que, mesmo casada com um homem de influência e considerado um grande herói republicano, escreveu também sua própria história.

3.1 Mulheres no Brasil século XIX

A visão sobre a mulher dos anos de 1800 baseia-se na construção patriarcal, religiosa, médica e hierárquica em que estava inserida. " *é a idéia muito difundida de que nós mulheres puxamos fiozinhos dos bastidores, enquanto os pobres homens com as marionetes mexem-se na cena pública*" (PERROT, 1988, p.150)

Neste trabalho delimitaremos a visão sobre a mulher de uma camada social média da sociedade. Não será negada a inaplicação do discurso aqui apresentado à totalidade das mulheres cariocas do século XIX. No entanto, torna-se necessário nos ater à visão das mulheres casadas, com filhos, e tendo como centro do núcleo familiar a representação masculina, tendo por representação Maria Joaquina.

No processo republicano brasileiro, apesar de não haver espaço para a participação feminina, com a influência positivista e os ideais estabelecidos por Augusto Comte, a figura da república e da humanidade deveria ser simbolizada com traços femininos como destaca José Murilo de Carvalho em seu livro "A Formação das Almas":

O uso da alegoria feminina se baseava em um sistema de interpretação do mundo do qual a república era apenas parte, embora importante. Na escala dos valores positivistas, em primeiro lugar vinha a humanidade, seguida pela pátria e pela família. A república era a forma ideal de organização da pátria. A mulher representava idealmente a humanidade [...] A mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade [...] Comte chegou ao ponto de especificar o tipo feminino que deveria representar a humanidade: uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços (CARVALHO, 2005, p.81)

Para os positivistas, grupo de grande influência política e social no período, a imagem da mulher era vinculada à virtude e altruísmo. Assim como para com Clotilde de Vaux, grande musa inspiradora de August Comte, as mulheres deveriam ser veneradas, quase santificadas, para tal, deveriam cumprir com as normas sociais já citadas anteriormente. A aliança religiosa e a forte influência católica no período faziam com que fosse reforçado o discurso das mulheres serem cultuadas como "virgem-mãe". Tornava-se costumeiro o uso da imagem feminina nos quadros, símbolos e instituições republicanas, no entanto sua participação nesses ambientes ainda era inviabilizada.

Como nos dias atuais, a educação representada pela escola, era o primeiro espaço de referência externa a casa frequentada por mulheres, sendo um dos fatores primordiais no início de uma inserção feminina no campo público no Brasil. No entanto, a existência de

escolas femininas não significava, necessariamente, condições igualitárias de aprendizado. A expectativa feminina sobre os estudos era voltada à alfabetização, e ao aprendizado familiar.

Após o período de alfabetização, o ensino sofria grandes distinções entre os sexos, sendo a masculina voltada à geometria e à profissionalização, e a feminina a aprendizados domésticos, a música e a costura. Guacira Lopes Louro (2004), destaca que com a regulamentação da lei de instrução pública e o ensino das pedagogias um grupo de mulheres eram indicadas ao ensino, tendo como prioridade as mulheres solteiras ou viúvas, pois para essas não haveria a abnegação familiar.

No Brasil da primeira república, as mulheres passam a ser vistas como ideais para ocupação dos espaços educacionais, visto que, segundo os ideais republicanos e positivistas as mulheres já eram as primeiras educadoras de seus filhos, através do ensino da moral e da ética. Para aqueles que defendiam que a docência seria uma extensão do processo maternal de criar e educar, as mulheres passavam a ocupar cada vez mais o espaço educacional. O trabalho fora do espaço doméstico foi visto por muitos como um risco à moral e à família. As mulheres não poderiam desenvolver maiores ambições que fossem de encontro a seus deveres e feminilidade. No entanto, já nesse momento havia grande distinção salarial entre homens e mulheres, pois mantinha-se na figura do homem a obrigação de provedor econômico da família. O salário para as mulheres surgia como um complemento a casa.

Não podendo ser deixado de ser citado, que tais transformações atingiam em maioria mulheres brancas e pertencentes a classes mais abastadas da sociedade da época.

A família nuclear da segunda metade do século XIX era regida pelo ideário de um homem provedor do lar e que presa pela reputação e posição social de sua família, uma mulher que possuía como principal função a maternidade, a administração da casa e controle sobre seus filhos.

Logo após o nascimento, a criação feminina era voltada ao lar, posteriormente a conquista de um bom casamento, do qual o dote era o principal artifício de negociação para a família, e após casada a manutenção do comportamento de submissão ao marido e reprodução.

Maria Joaquina quando descrita em publicações, e nas cartas escritas por Benjamin Constant, têm por características principais suas virtudes voltadas ao lar, ao companheirismo a seu marido e sua etiqueta invejável, quase que de modo santificado.

Em carta de 19 de dezembro de 1866, enviada por Benjamin Constant a Maria Joaquina, é possível analisar resquícios de insegurança e um posicionamento sobre a conduta esperada pelo marido em relação às ações matrimoniais de Maria Joaquina no casamento.

O teu gênio concentrado incomodava-me muito. Pensava que não eras minha amiga, posto que muitas vezes parecesse convencido do contrário. Ultimamente, porém já estava disso convencido. Desejava encontrar uma mulher que fosse minha verdadeira amiga, mas quando fosse infeliz, não a encontrando, o que poderia exigir mais para vivermos juntos senão o cumprimento rigoroso dos preceitos sagrados a que se impôs casando-se comigo? Hoje porém tenho a felicidade de ver realizado esse meu tão natural desejo. A tua educação, o teu caráter me dão a convicção de que nunca serás capaz de te afastar da serena linha de conduta que a natureza, a sociedade, a religião traçam para uma senhora que se preze e preza pela sua família.[...] é também para mim a condição indispensável.
(CONSTANT, 1866 apud LEMOS, 1999 p.71)

Apesar do amor demonstrado por Benjamin Constant em relação à Maria Joaquina nas cartas trocadas, tal fato, não isenta Benjamin Constant das ações de domínio masculino praticadas no período. Havendo ou não uma relação harmoniosa entre o casal, era inerente a mulher a obrigação de manter uma conduta social adequada.

A participação feminina nos espaços públicos ficava restrita aos ambientes festivos, religiosos ou de acompanhante de seus maridos. O mundo do trabalho não era de circulação feminina, com a exceção das escolas, como já mencionado. O sucesso feminino estava na administração do lar e no êxito do homem. No entanto, se no campo público a mulher deveria estar em posição inferior e de obediência ao masculino (pai, marido, irmão), era na intimidade que a mulher exercia seu poder.

A construção da imagem feminina passa também pela esfera médica, sendo um dos principais aliados na manutenção do sistema de submissão feminina. O apoio médico mostrava-se por meio de desqualificações de características inerentes ao corpo feminino e que eram utilizados como meios de reforço a ideia de “sexo frágil” e inferior em capacidades ao corpo masculino, dispostos de sexualidade e virilidade.

O desejo sexual feminino era uma questão inexistente no matrimônio. À mulher era reprimida sexualmente, desde seu nascimento, sua função na relação matrimonial era a da reprodução e da criação, ou seja, Maria Joaquina, mesmo que não tivesse amor por seu marido, deveria ainda assim preservar a relação perante a sociedade e gerar filhos. O papel feminino reprodutor e maternal era uma obrigação, mesmo na ausência dos desejos sexuais.

Nelas (mulheres), formas, tamanhos, espessuras e jeitos, combinam-se numa “admirável disposição” que responde, as funções para quais foram destinadas. Da maneira de andar, a mulher “com seu pequeno e delicado pé” caminha mais sutil e elegantemente, a forma de pensar, “a fraqueza e a sensibilidade, são as qualidades dominantes e distintivas da mulher”, tudo é condicionado por essa disposição “natural”, que predomina um modo específico de ser mulher. A cabeça menor, as cadeiras largas, os nervos delgados e delicados, o timbre de voz agudo, a pele macia e delicada, os órgãos de sentido excitáveis. (VERONA, 2013 apud SILVA, 2014, p.558)

A sexualidade feminina era extremamente controlada, médica e religiosamente, inclusive no matrimônio. Os prazeres sexuais deviam ser apenas do homem, a mulher era apenas um objeto de reprodução e satisfação de desejos.

O casamento era tido como o grande objetivo a ser alcançado pelas mulheres, e todas as ações e aprendizados eram voltados à conquista do mesmo, e a mulher que fugisse ao “destino” estaria indo contra a sua natureza. Segundo Giuslane Francisca da Silva (2014, p.558) “O casamento, mostrava-se como uma solução para evitar possíveis males que viriam ser causados com o decorrer do tempo, caso a mulher permanecesse por muito tempo solteira.”.

Apesar da Biografia de Benjamin Constant identificar que na união de ambos não houve um interesse social e econômico, era muito comum à época a influência dos pais na escolha dos pares de seus filhos, visto que, mais que uma obrigação, o casamento era também uma oportunidade de ascensão. Fazer um bom casamento poderia ser a oportunidade de unir famílias e poderes de muitas esferas.

4 POSITIVISMO E O FEMININO

A relação entre a figura feminina de Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães entrelaça-se com a vertente positivista fortalecida existente no Brasil do fim do século XIX e Primeira República. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, marido de Maria Joaquina, foi um profundo seguidor dos ideais difundidos por Augusto Comte e um dos fundadores da Igreja Positivista do Brasil, existente até os dias de hoje. Logo, sua esposa e seus filhos também foram suficientemente influenciados pela doutrina de Comtiana.

O positivismo baseava-se nas verdades científicas como centro de uma doutrina tida por Augusto Comte⁸ como base para um sistema filosófico com três temas básicos – “lei dos três estados” – onde o ser humano buscaria sua evolução teológica, metafísica e positiva.

O positivismo surgia como uma “nova doutrina ou religião não-teísta, dotada de templo, calendário dos homens ilustres (no lugar dos santos), rituais cívicos (no lugar de rituais religiosos) e diversas outras práticas similares às práticas religiosas católicas para as quais o povo pudesse carrear seus fervores mítico-religiosos.” (SALGUEIRO, 2008). Difundida na França, populariza-se no Brasil através de nomes como Raimundo Teixeira Mendes⁹ e Miguel Lemos¹⁰ que após visita a Paris entram em contato com a doutrina de Augusto Comte. Ao retornarem ao Brasil iniciaram a divulgação dos ideais positivistas, fundando o Apostolado Positivista do Brasil e posteriormente, em 1881 a primeira Igreja Positivista do Brasil¹¹. A Religião da Humanidade obteve adeptos famosos na sociedade da época, como: Cândido Rondon¹², Décio Villares e Eduardo de Sá. A Escola Militar e Politécnica também foram grandes responsáveis por difundir entre seus alunos e professores os ideais positivistas, sendo inclusive em suas paredes o primeiro contato de Benjamin Constant com a mesma, formando um grande grupo de militares positivistas, ainda que nesse caso, restringindo-se ao ensino das matemáticas.

Aproveitando-se da fragilidade do Império brasileiro à época, a Sociedade Positivista Brasileira, por meio de seus adeptos, propaga o ensino da doutrina, expande sua influência

⁸ Filósofo francês, nascido em 19 de janeiro de 1798 e morto em 5 de setembro de 1857) autor de uma doutrina filosófica denominada positivismo, e também conhecido como fundador da disciplina sociológica.

⁹ Filósofo e matemático brasileiro, nascido em 5 de janeiro de 1855 e morto em 28 de junho de 1927. Grande ator do cenário político do início da república, defensor e praticante da Religião da Humanidade. Vice-diretor da Igreja Positivista do Brasil, fundada por ele e Miguel Lemos.

¹⁰ Filósofo brasileiro, nascido em 1854 e morto em 10 de agosto de 1917. Fundador da Igreja Positivista do Brasil e da Sociedade Positivista Brasileira.

¹¹ Em 1897, a sede da Igreja Positivista do Brasil muda-se do Centro do Rio de Janeiro para o Templo da Humanidade, no bairro da Glória, Rio de Janeiro; onde está localizada até os dias atuais.

¹² Marechal do Exército Brasileiro, discípulo de Benjamin Constant e grande nome do período “Questão Indígena”

nos meios políticos, e se insere nos movimentos de abolição da escravidão e melhoramento das condições das classes mais pobres, através das publicações e ensaios de autoria dos positivistas. Na obra de Comte a evolução da sociedade tinha por resultado o sistema político republicano, caracterizando o “estado metafísico: “Se a monarquia era a forma de governo própria do estado teológico, o parlamentarismo liberal-democrático, caracterizava o estado-metafísico: o estado positivo “pacífico e industrial” deveria ser republicano e tecnocrata.” (TORRES, Capítulo IV,). Uma das mais claras demonstrações de tamanha influência é a frase presente na bandeira nacional “Ordem e Progresso” que tem por originalidade a máxima positivista “Amor por princípio, Ordem por base e progresso por fim”.

O positivismo deixa de estar ligado apenas às razões científicas de ensino, para estar também nos espaços públicos e religiosos, são utilizados pelo Positivismo representações ligadas à religião Católica Apostólica Romana, como na ideia de virgindade feminina, representada então pela alegoria da Humanidade. A mesma é representada por uma figura feminina, segurando seu filho, inspirada em Clotilde de Vaux¹³, grande paixão de Augusto Comte e a qual serviu de inspiração para suas obras, cultuada e reverenciada através da ciência.

A figura feminina é tida pelos positivistas como de grande relevância no meio social e nos interesses da vida cívica, além do ambiente privado. Augusto Comte propõe através de seus escritos, que a transformação da humanidade tem por base a participação feminina na execução de suas ideias, assim sendo, a educação feminina foi amplamente defendida pelos positivistas, visto que, para eles a mulher deveria obter educação, pois somente através dela as mulheres conseguiriam manifestar-se, além de serem as primeiras a possuir contato constante com os filhos; estes que no futuro formariam a base social.

Os positivistas possuíam um calendário próprio¹⁴, ao qual o ano era dividido em treze meses de dezoito dias. O calendário tem por início a Revolução Francesa e dispõe de uma figura, segundo eles, relevante para humanidade como símbolo de cada mês. Aristóteles, Moisés, Shakespeare são alguns exemplos. No denominado “quadro sociolátrico” são descritas 81 festas cívicas, dentre elas uma dedicada exclusivamente à Mulher. O quadro é dividido em três partes: os laços fundamentais, estados preparatórios e as funções normais. A Festa da Mulher é comemorada no décimo mês, o da providência moral.

¹³ Clotilde de Vaux (1815-1846) - Escritora francesa, nascida na França e grande amor platônico e musa inspiradora de Augusto Comte. Considera a mãe fundadora da Religião da Humanidade.

¹⁴ Fonte: <http://templodahumanidade.org.br/o-temple-da-humanidade/calendario-positivista/> Acesso em 13/09/2021 às 19:22

Miguel Lemos através da publicação “*O nosso estado actual e a educação da mulher*” demonstra que o papel social da mulher positivista deveria mostrar-se muito além das tarefas domésticas, da criação das crianças, de atos fúteis e sem qualquer liberdade ou personalidade. Miguel Lemos destaca que a mulher brasileira deveria obter participação sobre a vida pública, sobre a cultura e educação, como parte integrante da sociedade; o que para o período era visto como grande avanço. O positivismo via na mulher um meio de transição entre o privado, onde o papel de formadora dos filhos deveria ser exercido com maestria e no público, onde deveria exercer o papel de conselheira a seu marido e ciente de sua participação cívica.

Os nossos costumes pioram ainda esta situação respectiva dos dous sexos. Educamos as nossas filhas como si não tivessem responsabilidade propria, em vez de confiar á sua dignidade a guarda de sua pureza, cercamol-a de precauções vexatorias annullando nellas até a noção de personalidade. D’ahi o acanhamento e gaucherie que distinguem as nossas patricias quando se acham em presença de homens, d’ahi a transformação do casamento em uma loteria em que cada um compra o seu bilhete sem garantia nenhuma de tirar o prêmio. (LEMOS, Miguel. apud LACERDA NETO, 2015)

No entanto o papel relevante destacado por Miguel Lemos restringia-se às funções educacionais e em acompanhamento a seus maridos, pois a figura masculina continuava com principal destaque e relevância, o que acabava por reafirmar a superioridade, limitando os espaços sociais femininos. A função básica da mulher continuava sendo a manutenção familiar, os filhos, o marido e a dependência econômica. Os fatores positivos que valem o destaque sobre a influência na sociedade da época seriam a posição contrária à escravidão, com uma participação nos movimentos abolicionistas; a tentativa de implementação de uma república laica e a laicização dos cemitérios.

5 FONTES

O discurso histórico encontrado nos livros e pesquisas ainda encontra dificuldades com os documentos produzidos por mulheres, no que tange a localização nos arquivos públicos e nos trabalhos de pesquisa onde a narrativa pelo viés masculino, escrito por homens sobre homens e os escritos por homens sobre mulheres, ainda prevalece.

Nos arquivos públicos os espaços reservados as mulheres ainda procuram seu destaque. Como exemplo, o arquivo do Museu Casa de Benjamin Constant, ao qual tive acesso às fontes analisadas, e que possui pouquíssimas produções de pesquisa sobre a documentação das mulheres da família, ainda que estas representassem maioria entre os membros da família.

Logo, este trabalho busca dar luz a uma personagem que apesar de citada em produções científicas sobre sua família, acaba por um papel de coadjuvante ao seu marido, como característica da época.

O foco está na análise de indícios presentes, ou não; nos documentos que demonstrem costumes, ações e acontecimentos que nos auxiliem na construção da imagem feminina do período e em como Maria Joaquina foi representativa no processo de valorização da memória positivista e republicana de seu marido.

O acesso às documentações aqui apresentadas foi obtido por meio de visitas e digitalizações fotográficas autorizadas pela administração das instituições; Museu Casa de Benjamin Constant e Igreja Positivista do Brasil, ambas localizadas na cidade do Rio de Janeiro.

Nos primeiros anos de casamento com Benjamin Constant, Maria Joaquina deparou-se com o afastamento de seu marido, devido à incursão da Guerra entre o império brasileiro, Argentina, Uruguai em oposição ao Paraguai¹⁵.

Deixar o Rio de Janeiro parece ter sido para Benjamin Constant sobretudo a confirmação de que ingressava em uma quadra de incertezas. Pela primeira vez, afastava-se da família, dos amigos e da sua cidade para guerrear um povo estranho numa terra que lhe era totalmente desconhecida. (LEMOS, 1999)

¹⁵ Guerra do Paraguai (dez-1864 a mar-1870): Brasil, Argentina e Uruguai formavam a denominada Tríplice Aliança no maior conflito armado da América do Sul, o que resultou em um grande número de mortos e a destruição do território paraguaio.

Teixeira Mendes, primeiro biógrafo de Benjamin Constant, relata em passagem da biografia, um episódio onde Maria Joaquina intercede junto ao Imperador D. Pedro II, sobre sua convocação para a Guerra, segundo relatos da mesma.

Quando ela soube da ordem, não estando Benjamin em casa e sem ele saber, tomou um carro e foi falar ao imperador que prometeu-lhe fazer o que fosse possível. Ao chegar em casa, sabendo Benjamin desse passo, disse que a desculpava em vista dos sentimentos que o tinham motivado e da intenção, mas que era mais uma razão para não deixar de partir, pois que não queria de modo algum que pensassem ter-se servido das lágrimas de sua esposa para deixar de ir cumprir o seu dever. Foi imediatamente ao imperador dizer-lhe isso mesmo e que estava pronto para seguir. (MENDES, 1913, p. 341)

Como comprovação do ato, temos apenas as versões relatadas por ambos, no entanto torna-se relevante destacar que o ato de escrever ao Imperador demonstra além da grande preocupação por parte de Maria Joaquina para com seu marido. Uma ação que ultrapassava os limites impostos à mulher na interferência de uma decisão profissional de seu esposo, ousando colocar-se fora de sua subserviência social. A atitude de Maria Joaquina, apesar de motivada por questões sentimentais e de preocupação, e justificada por Teixeira Mendes com ligação a sua pouca idade, o que indicaria impulsividade, característica essa também frequentemente ligada às mulheres, poderia ser interpretada socialmente como um ato de covardia de seu esposo ao “fugir” da chamada para a Guerra, e utilizar uma mulher como artifício de defesa, o que poderia ferir a sua honra e a moral de sua família.

Durante o período dos conflitos em que Benjamin Constant esteve presente, Maria Joaquina e esposo, trocaram correspondências com notícias familiares, questões relacionadas à economia, saúde, filhos e sobre os acontecimentos da guerra¹⁶. O marido de Maria Joaquina esteve nas trincheiras da Guerra do Paraguai dos anos de 1866 a setembro de 1867.

O militar do exército brasileiro demonstrava nas correspondências do fim de 1866¹⁷ sua insatisfação com a falta de retorno por parte da esposa aos seus envios. Tal fato fazia com que Benjamin Constant considerasse haver insatisfação em relação a ele e ao casamento por parte de Maria Joaquina.

¹⁶Parte das cartas escritas por Benjamin a sua esposa foram publicadas em 1999 no livro “Cartas da Guerra” de Renato Lemos.

¹⁷ Correspondências de 13 set/1866; 30 out/1866; 3 nov/1866.
Correspondências disponíveis em: LEMOS, R. L. C. N. (Org.) **Cartas da Guerra. Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

Estás muito preguiçosa, não escreves e não podes julgar quanto soffro com isso. Recebi nos primeiros dias que cheguei 3 cartas tuas. A de 7 de outubro foi a quarta, falta-me receber a quinta, talvez venha agora pelo correio. Mas o que são cinco cartas (e muito pequeninas) que me tens escrito? De oito em oito dias ou de 15 em 15 têm todos por aqui notícias de suas famílias. Só eu não. (CONSTANT, 1866 apud LEMOS, 1999, p.62)

Eram constantes nas cartas enviadas por Benjamin Constant trechos resposta ao que podemos inferir serem questionamentos de Maria Joaquina sobre o retorno de Benjamin ao Rio de Janeiro, e seu desejo de juntar-se ao esposo em território de conflito.

Agradeço-te do intimo d'alma as provas de afeição que me dás. Mas infelizmente é impossível o que me pedes. Estar comigo no acampamento? Nem é bom pensar nisso. Nestas cidades mais próximas expostas a tudo? Não sabes o que me pediste, senão não o havias de fazer. Sabes que para mim acima de tudo está a minha honra e a da minha família. Pensas do mesmo modo mas a tua idade, a amizade que me tens, a saudade que te aflige não te deixaram refletir. (CONSTANT, 1866 apud LEMOS, 1999, p.61, 62)

Quanto ao que me dizes em tua carta sobre a tua vinda ao Exército repito-te o que já te disse, é um mau passo. Bem que és livre em fazer o que quizeres (disseste que virias caso eu estivesse doente e que não atendias a consideração alguma), mas se o fizeres será com a minha completa reprovação. (CONSTANT, 1867 apud LEMOS, 1999, p.110, 111)

Quero falar-te a respeito da insistência que fazes em vir para junto a mim. Tenho te respondido sempre que é isso um impossível, posto que não lhe retirasse completamente a esperança de que essa impossibilidade desaparecesse, mudadas convenientemente as circunstâncias, falava-te sempre em relação a circunstâncias de ocasião e às disposições [em que estava] e que pareciam permanentes... Nestas disposições, minha querida amiga, e [movido] também pelas agradáveis cartinhas que tanto me falam ao coração, vou fazer-te, isto é, repetir-te uma promessa que já te fiz na minha última carta: prometo-te que daqui a um mês ou consinto em que venhas para Corrientes se ali tiver algum emprego ou dou parte de doente e peço inspeção de saúde para retirar-me ao Brasil... (CONSTANT, 1867 apud LEMOS, 1999, p.175)

Quando Benjamin Constant esteve no Paraguai, Maria Joaquina ficou no Brasil com sua primogênita ainda bebê, morando com parentes próximos e sendo auxiliado por seu pai Claudio Luís da Costa. A ida de Benjamin Constant ao local de conflito sempre foi um infortúnio para Maria Joaquina. Nas passagens das cartas é possível afirmar que o afastamento do marido provocou dificuldades financeiras, já existentes antes da partida de Benjamin e de convivência entre a esposa e membros da família.¹⁸

¹⁸ Ver Correspondência de 19 dezembro de 1866. CONSTANT, Benjamin. 1836-1891. **Cartas da Guerra. Benjamin Constant na Campanha do Paraguai.** Org. LEMOS, R. L. C. N, IPHAN, p.70, 71, 72 e 73, 1999.

A preocupação de Maria Joaquina com a saúde do marido também era fator relevante e constante nas cartas trocadas entre os dois. Em trecho de 1867, Maria Joaquina, sai de sua residência no Rio de Janeiro ao obter notícias da situação de adoecimento de seu marido no campo de batalha, e viaja com suas duas filhas até o local onde Benjamin Constant encontrava-se, de modo a conseguir seu afastamento ou unir-se a ele no momento de dificuldade.

Estava começando a jantar (um churrasco) quando chegou um soldado de cavalaria com um bilhete para mim; li e não posso explicar a explosão de prazer que [senti] que tinhas vindo; que o digam os companheiros Álvaro, Fialho, Monte que se achavam presentes. Nunca experimentara tamanha alegria, como saber que a saudade, a amizade verdadeira traziam para junto de mim aquela a quem amo, a quem adoro acima de tudo nesse mundo, ainda mais porque vinham também meus dois anjinhos, frutos do mais ardente e puro amor que tenho tido. (CONSTANT, 1867 apud LEMOS, p.198, 199; 1999)

Algo que devemos destacar é o fato de não serem descobertos os registros escritos por parte de Maria Joaquina tendo como destinatário o marido, visto que, em todas as cartas enviadas por Benjamin Constant, há referências de respostas a correspondências enviadas anteriormente pela esposa. Podemos ter como argumento que as correspondências foram perdidas durante a guerra, ou durante o tempo até que fosse formado o acervo da família. No entanto, tal argumento perde força, quando destacamos que Maria Joaquina preservou grande parte dos documentos do marido, roupas e utensílios da família, como o propósito de preservação da memória cívica e familiar.

Outro ponto pertinente, refere-se ao silenciamento imposto pelas próprias mulheres sobre seus escritos e memórias. O fato de não encontrarmos muitas fontes escritas por ela, e as de seu marido estarem em ótimo estado de preservação, nos leva à possibilidade de que essas correspondências tenham sido destruídas, ou perdidas ao longo dos tempos.

Como Maria Joaquina auxiliou na preservação da memória de seu marido, também podemos questionar a relação hierárquica socialmente estabelecida, onde a escrita do masculino é relevante e digna de preservação, enquanto a feminina é cercada de pudores e irrelevância para ser preservada.

Com o advento da República, Benjamin Constant inicia sua participação política como Ministro da Guerra e posteriormente Ministro da Instrução Pública e Telégrafos. Logo, torna-se o principal ponto de influência dos positivistas junto ao governo do marechal Deodoro da Fonseca. Os positivistas, apesar da influência e ativa participação na república,

como já mencionado, não exerciam cargos de poder público, visto que, segundo ensinamentos de Comte, durante a chamada “transição para sociedade normal” os positivistas deveriam comportar-se como consultores, negando cargos no novo governo. (CARVALHO, 2005, p.138)

Um dos episódios de maior impacto e efetiva participação da família Botelho de Magalhães e dos positivistas foi o da escolha da bandeira que passaria a representar o novo regime brasileiro.

A construção de identidade e memória para os positivistas tornava-se fator essencial para consolidação do imaginário republicano, pois “a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político” (CARVALHO, 2005, p.10). Um novo regime político necessita de elementos (mártires, estatuas, monumentos, símbolos) que corroborasse na popularização e sentimento de pertencimento ao projeto de nação que estava sendo construída. Apesar do processo republicano não ter tido uma participação massivamente popular, para que o regime fosse fortalecido o “povo”, entendendo-se como povo uma sociedade excludente, deveria aprova-lo e sentir-se como parte dele.

Segundo argumenta o historiador José Murilo de Carvalho (2005) em seus trabalhos, em contrário às tentativas de fortalecimento dos símbolos do novo regime para construção de uma identidade em que não era possível ter total controle sobre a aceitação social; no caso da bandeira tornava-se necessário a adoção de um símbolo permanente e forte, que fosse legitimado e reconhecido.

No episódio de definição da bandeira republicana, também houve participação efetiva das mulheres da família Botelho de Magalhães. Como descrito na biografia de Benjamin Constant de 1999¹⁹, com receio de que a bandeira nacional fosse transformada em uma cópia da bandeira norte-americana, à época, símbolo do sistema republicano nas Américas²⁰, positivistas do período como Raimundo Teixeira Mendes, Décio Villares e Pereira dos Reis; movimentaram-se de modo a definir o desejo da nova bandeira já com a posição correta das estrelas e seguindo os indicativos de Augusto Comte.

Benjamin Constant encaminhou o novo desenho para aprovação, e meses depois em 05 de maio de 1890, Maria Joaquina e suas filhas bordaram o desenho da bandeira em tecido “como sinal daquele nosso sentimento pelas numerosas e constantes provas de estima, confiança e

¹⁹ LEMOS, Renato. Pág 438, 1999.

²⁰ Independência dos Estados Unidos da América deu-se em 04 de julho de 1776.

dedicação prodigalizadas a seu idolatrado pai, meu amado esposo.” (MAGALHÃES, Maria Joaquina apud LEMOS, 1999, p.441) e ofereceram a Escola Militar e a Escola Superior de Guerra como agradecimento e uma tentativa de popularizar a bandeira em um meio de grande força e influência.

O momento da confecção da bandeira foi reproduzido por meio do uso de alegorias, pelo pintor Pedro Bruno no ano de 1919, na pintura *Á Pátria*²¹. Pedro Bruno fazia parte do movimento de defensores do projeto republicano civilizatório por meio das artes, na construção de uma identidade nacional. Isabel Sanson Portella, museóloga do Museu da República/Ibram-RJ, descreveu em texto o simbolismo da pintura de Pedro Bruno.

A confecção da primeira Bandeira da República remete à construção de uma nova Nação. Rica em detalhes, a tela é invadida por uma luz intensa, que ilumina a criança com a bandeira, figura central do quadro. A cena, formada principalmente por mulheres, nos traz à mente Marianne, o símbolo feminino da Revolução Francesa. Contrastando com áreas de sombra, a iluminação utilizada coloca em evidência a mãe que alimenta o bebê (este representando a República que nasce), as várias crianças, as distintas gerações que formam uma nação onde todos se empenham em oferecer contribuições. Quase dissolvido nas sombras, o velho representa o passado. (PORTELLA, 2015)

As mulheres que aparecem retratadas na pintura, seriam Maria Joaquina da Costa e suas filhas, além das representações em quadro ao fundo de Benjamin Constant, Tiradentes, e Deodoro da Fonseca. A imagem de mulheres costurando, relaciona-as às tarefas femininas de bordado, cuidado com o lar e criação dos filhos e de acordo com o papel social destinado a elas, no entanto, não as exclui das bases em que a república estaria sendo construída, onde haveria uma participação de “todos”, incluindo as mulheres, ainda que de “todos” mantenham-se excluídos os negros, indígenas, e grupos sociais menos abastados; e que na realidade o movimento de troca de regime não tenha tido interferência popular efetiva.

Em passagem do texto de Isabel Portella ao citar a representação do passado, podemos ligá-lo a ensinamentos positivistas, onde passado, presente e futuro devem estar ligados para que seja possível alcançar o desenvolvimento da humanidade. Nas alegorias pintadas por Pedro Bruno, há elementos que representam cada uma dessas referências: o passado através da imagem do homem idoso e dos “heróis republicanos”, como representante da tradição, e dos sistemas que já foram ultrapassados, mas que foram essenciais para o estado atual. No presente, temos as mulheres cosendo a bandeira, como um coletivo que constrói o novo; e o futuro representado através das crianças envoltas no maior símbolo pátrio.

²¹ Encontra-se em exposição no Museu da República/Ibram-RJ.

Pedro Bruno buscou destacar elementos dos positivistas ortodoxos, defensores de Tiradentes, da bandeira com sua faixa branca; aos católicos com a imagem de Nossa Senhora; e aos republicanos não positivistas com a imagem de Deodoro da Fonseca.

A escolha de mulheres para representar a confecção da bandeira, e principalmente as mulheres da família Botelho de Magalhães, não pode ser tida como uma escolha aleatória. Para os positivistas eram as mulheres o grande símbolo da base familiar, e a partir delas iniciaria a evolução humana.

O apostolado positivista brasileiro, através de seus diretores Teixeira Mendes e Miguel Lemos, utilizavam-se da publicação e distribuição de folhetos como estratégia de propaganda e divulgação do positivismo, com o intuito de propagar a doutrina e criticar autoridades do período. Alguns dos temas trabalhados foram mulher, casamento e personagens relevantes para o apostolado; como Benjamin Constant e sua esposa Maria Joaquina, aos quais analisaremos.

A partir de algumas dessas publicações é possível identificar elementos que destaquem a visão sobre a mulher positivista do século XIX, assim corroborando sobre as práticas femininas em questão. A publicação de 1958 denominada “A Mulher”²² (1958) de autoria de Raimundo Teixeira Mendes escrita a partir de uma conferência realizada no salão do instituto de música em novembro de 1908, através de seu subtítulo “sua preeminência social e moral” leva luz ao debate positivista sobre o feminino. Teixeira Mendes historiciza o surgimento do debate sobre o tema e da categorização da mulher como ser inferior ao homem, aludindo-o a antiguidade:

Éssa opinião não é de nósos dias: éla se pérde na noite dos tempos. E' a opinião dos selvágens; é a opinião que dominou nas sociedades teocráticas, que ainda lá domina; é a opinião que atravessou a civilização grega e a civilização romana; é a opinião dogmática da própria cavalheiresca Idade Média. É a opinião da faze revolucionária, e chegou até nósos dias.
(MENDES, 1958, p.4)

Os positivistas reconhecem que até o momento que Clotilde passa a influenciar sobre a narrativa de Augusto Comte é que o mesmo passa a incluir o debate sobre a condição feminina em suas obras. Anteriormente a tal fato, Augusto Comte, corroborava o discurso de inferioridade feminina, praticados também com o auxílio da religião Católica. Teixeira Mendes na mesma obra justifica a inercia teórica sobre a relação entre os sexos com o que ele

²² “A Mulher. Sua preeminência social e moral, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva”. MENDES, R. Teixeira. 4 edição, n. 273, Rio de Janeiro, 1958.

denomina “superioridade afetiva feminina”, ou seja, a condição feminina seria fruto de sua benevolência.

Apezar destas manifestações, a teoria preconizava a superioridade do sexo masculino em relação ao sexo feminino. Isto explica justamente porque o espírito positivo não tinha ainda abordado convenientemente o confronto entre ambos os sexos. E por outro lado, isto se explica por ser a concepção mais de acordo com o orgulho masculino, e, digamos também, com a superioridade afetiva da Mulher, essa superioridade afetiva que a fêz aceitar com abnegação, com devotamento, em todos os tempos e em todos os lugares, o posto humilde que o homem lhe deixou, contanto que em troca lhe fosse permitida a liberdade de ser a zelladora do altruísmo humano.
(MENDES, 1958, p.5)

Teixeira Mendes ao citar a posição feminina como meio de abnegação, devotamento e humildade, nos mostra que a visão positivista sobre a relação entre os sexos não se diferenciava na totalidade da exercida até então. Ou seja, a mulher tornava-se para os positivistas uma detentora de sabedoria e relevante participação social, desde que a participação fosse exercida no âmbito do lar, da criação dos filhos e do apoio irrestrito ao marido, reforçando o paternalismo existente.

Com a publicação de Augusto Comte como base teórica, os positivistas tinham na mulher um pilar essencial para a construção de uma nova sociedade, pois dela surgia a família e a família era a grande base positivista. A escolha de uma mulher, Clotilde de Vaux, como grande símbolo da Humanidade, eleva o discurso sobre o feminino ao patamar de comparativo a divindade. A ideia de colocar Clotilde como Humanidade, sempre representada em companhia de um bebê/criança, salienta o comparativo com a representação Católica de Maria, a Virgem Mãe, pois para Comte em “primeiro lugar vinha a Humanidade, seguida pela Pátria e depois pela família” segundo destaca José Murilo de Carvalho, a escolha de uma mulher como representação existe desde a Roma antiga, onde a mulher já era um símbolo da liberdade, luta e revolução.

A religião Católica Romana estabeleceu-se desde seus princípios as definições do papel familiar feminino. Através da religião é reafirmada a condição de inferioridade da mulher, já que Deus é concebido em uma imagem masculina e a humanidade está imersa em uma representação feminina, assim, as regras de gênero teriam sido determinadas por Deus. É no mito de Adão e Eva que se busca as explicações para a justificativa da superioridade do homem, já que a mulher lhe é semelhante, mas segundo a interpretação bíblica, embora semelhante, é sua ajudante, e por tal, essa classificação a coloca como submissa.

Em contrapartida, para os positivistas a família girava em torno dos pilares positivistas sobre o feminino. A mulher era o centro do lar, o pilar forte e direcionador do marido e dos filhos. A imagem de Maria Joaquina pelos positivistas refletia a visão que eles tinham sobre o simbólico feminino. Uma mulher benevolente, virtuosa, mãe, salvadora, zelosa, entre outras características. Entretanto, como a historiadora June Hahner analisa na sua obra²³ onde é citada a publicação de Teixeira Mendes, “A Mulher. Sua proeminência social e moral” onde salienta que a imagem positivista da mulher virgem e santa quase sempre destoava da realidade.

Tendo a Revolução francesa como marco positivista, o calendário positivista tem por início o ano da revolução, a escolha de figuras femininas como representação do momento histórico influenciou a construção dos símbolos positivistas e republicanos que nos cercam até os dias atuais. A partir da Segunda República Francesa²⁴, popularizou-se o uso da imagem feminina com barrete frígio, que posteriormente seria denominada Marienne. José Murilo de Carvalho leva o debate histórico aos conflitos entre os defensores de Marienne e o governo na figura de Maria: “Houve uma batalha de cultos, que Agulhom com felicidade chama de mariolatria contra marianolatria.” (CARVALHO, 2005, p.78). Maria, a virgem, representante da doçura, da pureza, da virgindade, do amor e da benevolência; em contrapartida a Marienne, representando força, luta, cívico e até mesmo sensual.

Apesar de na França, a dualidade entre Maria e Marienne tenha existido com grande força, no Brasil, Humanidade para os positivistas e Maria para os Católicos encontravam-se mais em suas semelhanças que em sua dicotomia.

No período de 1891 a 1921, após o falecimento de seu marido, Benjamin Constant, Maria Joaquina torna-se a referência familiar e social dos Botelho de Magalhães. Para os positivistas, considerada a grande inspiração feminina, semelhante à figura da “Mãe Fundadora” Clotilde de Vaux.

Com o falecimento de Benjamin Constant, surge um boato de origem desconhecida de que o republicano teria perdido seu domínio mental antes de sua morte. Maria Joaquina, diante da situação e da tentativa de difamação de seu esposo, escreve uma carta e a reproduz

²³ HAHNER, June. O Culto da Santa Mãe: A Versão Positivista. in: **A Mulher no Brasil**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.

²⁴ 1848 a 1851

em mais de duzentas cópias²⁵ enviadas a conhecidos, políticos, médicos, militares e alunos de Benjamin Constant.

Tendo circulado certos boatos sobre o estado de sanidade mental de meu pranteado marido, Dr. Benjamin Constant, nos ultimos mezes de sua vida, rogo-vos o obsequio de declarardes junto a esta, com toda franqueza e imparcialidade a vossa observação pessoal e semelhante respeito, permitindo-me o uso que se tornar necepsario. Saúde e fraternidade.
(MAGALHÃES, 1891)

Em resposta, há quase que uma unanimidade, que apesar das dificuldades de saúde, Benjamin Constant estava de posse de sua sanidade mental em seus últimos momentos de vida. O considerável número de respostas, também indica prestígio social da família e da viúva. As cartas encontram-se no arquivo histórico do MCBC.

Torna-se relevante destacar o esforço e influência de Maria Joaquina no espaço público através das correspondências. A personagem ultrapassa as paredes de sua intimidade familiar em honra da imagem de seu marido e de sua família, visto que, na viuvez era ela a grande liderança familiar.

Com a morte do marido, a matriarca torna-se o ponto focal da estrutura e das decisões familiares. Tudo que antes era participado ao seu esposo, agora passa a ser decidido e administrado por ela. Tais afirmações são refletidas com base nas cartas trocadas entre a personagem e suas filhas.

Nas correspondências entre Maria Joaquina e algumas de suas filhas torna-se mais clara a imagem e ações das mulheres da família. Nelas podemos destacar elementos de cotidiano familiar, como: finanças, nascimentos, saudade, casamentos, viagens, entre outros. Devemos lembrar que ao analisarmos correspondências, devemos nos ater ao fato de que as mesmas não foram escritas para que tornassem fontes históricas, e sim, como meio de comunicação objetiva entre mulheres da mesma família e que possuíam grau de intimidade para tal. Não havendo qualquer responsabilidade com historicidade.

²⁵ Segundo Biografia escrita por Renato Lemos. O Museu Casa de Benjamin Constant possui diversas dessas reproduções e suas respostas.

Querida mamãe. Fiquei muito contente ao receber sua cartinha de 7, por ver que a Sra. lembrou-se do dia que me é tão caro ao coração, desse dia cheio de emoções e de recordações tão gratas, mas ao mesmo tempo tão sério, o dia mais sério da nossa vida, em que se decide do nosso futuro. Mas eu tenho a certeza de que hei de ser feliz; pois quanto ao Álvaro ele é o melhor dos mais extremosos e dedicados maridos, e quanto a mim, a força de vontade que possuo, o muito amor que tenho a elle, e os exemplos e conselhos de minha bôa mãe hão de fazer com que eu faça a felicidade do meu bom marido e amigo, e que seja uma bôa mãe de família. (OLIVEIRA, Adozinda. 1886)

Desejaria muito ir assistir à inauguração da pedra para a estátua do papai, mas mamãe bem sabe que não me fica bem ir a essas festas sosinha [sic]; e para ir espiar de fora, também não posso ir, não só porque estou sem ama, como porque igualmente não fica bem. Os promotores dessas festas não se lembram que eu sou casada. Mas a elles não devo explicações, e sim á mamãe, que deve compreender como as pessoas que verdadeiramente me estimam, a minha posição. (OLIVEIRA, Adozinda. 1894)

Já temos criada que apesar de não ser muito ligeira têm bôas maneiras. Mas Mrs. Nirtton não está muito contente com ella, porque é muito gorda, feia e velha, e aqui o chic é ter-se uma criada moça bonita e elegante, embora atrevida para abrir a porta. Como é ella que tem de lidar com as criadas, ella que faça o que quizer. (OLIVEIRA, Adozinda. 1906)

A escritas intimas femininas eram, no geral, realizadas no ambiente doméstico, e era este ambiente o assunto de presença frequente nas correspondências. Nos três períodos apresentados, podemos inferir, que mesmo com a formação de novas famílias, a partir do casamento de suas filhas, ainda há a figura da mãe como conselheira e confidente das ações do cotidiano.

Nos trechos, a preocupação de Adozinda em tonar-se, assim como sua mãe, uma boa esposa e mãe de família, coloca-se como reflexo dos costumes impostos socialmente às mulheres, que tinham no “bom” casamento e na formação da família seu papel social. A função de esposa e mãe eram aspirações principais das mulheres, algo que foi construído ao longo do século como meio de preservação da família.

A segunda correspondência, apesar de não ser possível identificar a que grupo Adozinda faz referência, podemos afirmar que sua insatisfação com a falta de convite a seu marido para um evento público, o que se liga diretamente às convenções sociais do período, em que uma mulher não era bem vista por frequentar espaços públicos na ausência de uma figura masculina, e enquanto casada, da figura de seu marido.

Torna-se relevante destacar que durante sua viuvez, Maria Joaquina preocupou-se em resguardar para posteridade elementos como vestimentas, livros, homenagens, presentes e

objetos pessoais de seu marido de modo que fosse possível a identificação de sua origem e relevância.

Em visita ao acervo, foi possível identificar anotações da viúva em documentos relacionando-os com o momento de autoria; a transcrição de cartas e escritos do marido, de modo que informações não fossem perdidas ao passar do tempo.

Maria Joaquina atuou como uma inventariante de sua família, demonstrando toda sua devoção e admiração a seu esposo.

Em 1921, meses após sua morte, a Igreja Positivista do Brasil, através de Teixeira Mendes, publica o livreto “A Venerada memoria da Senhora D. Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães. Eterna Esposa de Benjamin Constant – Fundador da República no Brasil.”. Nele descreve momentos da trajetória do casal e da ligação com a Religião da Humanidade, como chamada pelos seguidores do positivismo e de Augusto Conte. A publicação deixa claro, pelas palavras de Teixeira Mendes, a importância de Maria Joaquina no processo de reconhecimento de seu marido como fundador da república brasileira, e de seus feitos para educação.

A publicação é iniciada por um trecho da política positiva sobre as mulheres “as mulheres constituem espontaneamente seres intermediários entre a Humanidade e os homens.” (Politica Positiva, II, pág.63)” (MENDES, 1921). Tal citação é precedida em sua publicação original pelo trecho “Superiores pelo amor, mais dispostas a subordinar a inteligência e a actividade ao sentimento...” de Augusto Comte demonstra a visão positivista sobre as mulheres onde ocorre uma dúvida valorização feminina, colocando os elementos que socialmente a subordinam como adjetivos qualitativos perante seus seguidores.

Em 1925, ocorreu a cerimônia solene de inauguração do monumento em homenagem ao casal Benjamin Constant e Maria Joaquina; ambos falecidos no momento da inauguração. O monumento surge como a materialização da importância da família perante a sociedade do princípio da república.

O monumento a Benjamin Constant é apenas uma tentativa cívica para commemorar fielmente os seus sentimentos, as suas convicções, e os seus feitos, afim de que a vulgarização do conhecimento, - autobiographico, sempre que fôr possível, - da vida o Fundador da República depoz no altar da Patria auxilie a realização dos seus votos humanitarios, civicos, e domesticos. Porque acreditamos que, de facto, com tão edificante vida, Benjamin Constant de Magalhães levantou monumento mais perenne que o bronze. (MENDES, 1925 apud SILVEIRA, 1925, p. 1)

Idealizado por positivistas como Décio Villares, Eduardo de Sá, Frederico B. Horta Barbosa, entre outros; o monumento esteve localizado no momento da inauguração na Praça da República, sendo transferido para o interior do atualmente conhecido Campo de Santana, no Rio de Janeiro; podendo ser visitado até a data presente.

José Murilo de Carvalho (2005) analisa o monumento com ampla descrição. A presença de frases de Benjamin Constant, lemas positivistas, alegorias de locais e momentos representativos ou ligados a república. No local mais alto do monumento, a presença da humanidade; símbolo sagrado ao positivismo e representativo do feminino com uma criança ao colo. Como elemento central, Benjamin Constant, envolto na bandeira republicana segurada por Maria Joaquina.

Valéria Salgueiro (2008) infere que as feições da figura da humanidade, assemelham-se com a iconografia presente nas figuras cristãs, sempre ligadas à construção da imagem humana, virtuosa, de caridade e amor ao próximo. Há também a presença de representações simbólicas do positivismo, como: Bastilha, referência ao passado que se fez necessário para superar o autoritarismo; a Igreja de Santa Sofia – Constantinopla, tida por Augusto Comte como a capital positivista e uma união do Oriente e Ocidente e a Catedral de Notre-Dame, símbolo religioso do berço do positivismo, Paris.

No grupo de Benjamin Constant e Maria Joaquina, segundo publicação da Igreja Positivista do Brasil, são representados momentos da vida do casal e que se atrelam a momentos históricos, como a despedida entre o casal momentos antes da Proclamação da República²⁶ e a entrega da bandeira nacional republicana que fora bordada por Maria Joaquina e suas filhas.

Ao centro do monumento e em destaque o casal se apresenta em vestimentas formais, Benjamin Constant com seu uniforme militar, que fora pouco utilizado por ele, como descrito na biografia escrita por Renato Lemos, e Maria Joaquina acima, representando a Pátria, e de posse da bandeira nacional, em um gesto de proteção à imagem de Benjamin, envolvendo-o com o maior símbolo de uma pátria. A alegoria, apesar do destaque dado a figuras femininas, em especial Maria Joaquina, inclusive batizando-a com seu nome, ainda nos liga ao pensamento de uma mulher que provém da figura masculina, que se destaca “nas

²⁶ Momento descrito no diário escrito por uma das filhas do casal, Bernardina. A mesma escreveu em uma espécie de diário diversos momentos do dia a dia da família, incluindo o dia do último baile do império e manhã da proclamação da república.

sombras” de um homem. “É da mulher, no fundo, que provem o homem.” (Testamento Augusto Comte).

No conjunto do quadro existente no monumento e que marca a trajetória de Benjamin Constant através dos fatos históricos que culminaram na república, está o denominado “Benjamin e Família”. Nele é dado destaque ao devotamento a família, preceito positivista que só não se sobrepõe a humanidade e a Pátria, sendo estas os pilares da humanidade.

Outro ponto de relevância no monumento é a existência de um medalhão que representa, segundo Vergueiro, a independência política do Brasil. O medalhão traz a figura de D. Leopoldina, imperatriz do Brasil de 1822 a 1826, ano de sua morte, e José Bonifácio patriarca da independência. O que torna-o singular, é novamente a comprovação da valorização feminina no meio positivista, visto que, a escolha para representação se deu, não por D. Pedro I, imperador do Brasil, e sim, por sua esposa.

Após análise das fontes, torna-se inegável a participação de Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães na construção da imagem histórica de Benjamin Constant. No entanto, a escolha de Benjamin Constant como símbolo do processo republicano, se deu não por sua esposa ou somente por sua participação no processo republicano, e sim por atender a interesses de grupos de poder como militares e principalmente positivistas. O regime recém instaurado necessitava de figuras “heroicas” para auxílio no projeto de nação idealizado e de uma identidade forte e consolidada, sendo assim, Benjamin Constant representava os militares da mocidade militar e os positivistas.

Utilizar a imagem de Maria Joaquina atendia à necessidade de reafirmar os preceitos do positivismo da participação feminina. Atrelar a imagem dela como mulher venerada por seu esposo e zelosa a família, assemelha-se a forma como Augusto Comte venerava Clotilde Vaux. Podemos inferir que houve uma tentativa pelos positivistas de entronizar o casal Benjamin Constant e Maria Joaquina como representantes símbolos da família e do positivismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início do projeto de pesquisa identificou-se que havia uma necessidade de atenção às documentações sobre Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães e sua relevância na construção da memória de seu marido.

A importância do destaque à História das mulheres tornou-se fator preponderante para que a pesquisa fosse realizada. Diante disto, a pesquisa teve como objetivo geral a análise das correspondências de Maria Joaquina e de publicações do período voltadas à personagem, de modo a identificar elementos que dialogassem com o papel social impostos à mulher do século XIX.

Logo, constata-se que o objetivo da pesquisa foi atingido, visto que, efetivamente foi possível identificar através da documentação a trajetória e vivência da personagem. Pelas cartas e publicações a pesquisa recolheu elementos que tornaram a participação de Maria Joaquina mais efetiva como um dos personagens preponderantes na construção da imagem intelectual, familiar, militar de Benjamin Constant.

Nas publicações de autoria dos positivistas a imagem de Maria Joaquina foi construída de forma entronizada, atendendo aos comportamentos defendidos por eles em relação às mulheres, ou seja, benevolente, maternal e submissa.

Diante da metodologia utilizada é possível afirmar que a inexistência das correspondências da autoria de Maria Joaquina Magalhães, principalmente com seu marido no período em que o mesmo esteve na guerra do Paraguai, dificultou uma análise mais ampla da vivência enquanto mulher nos primeiros anos de casamento e que se encontrava longe do marido.

A partir desta pesquisa torna-se possível ampliar as análises sobre as mulheres da família Botelho de Magalhães com as correspondências trocadas entre as filhas do casal. Infelizmente, por falta de tempo hábil e corte temporal não foi possível analisá-las neste trabalho.

No entanto, apesar dos desafios postos pelo período de pandemia que vivemos e certa dificuldade no acesso aos arquivos públicos, a pesquisa pode ser concluída com satisfação.

FONTES PRIMÁRIAS:

Certidão de batismo Maria Joaquina Bittencourt da Costa. **Fundo Família Benjamin Constant**. Museu Casa Benjamin Constant – Ibram. Ministério do Turismo.

CONSTANT, Benjamin. Fundo Benjamin Constant. In: **Cartas da Guerra. Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Org. LEMOS, R. L. C. N. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999, p. 61, 62, 71, 110, 111, 175, 198, 199.

MAGALHÃES, Maria Joaquina da Costa Botelho de. Documentos particulares. **Fundo Família Benjamin Constant**. Museu Casa Benjamin Constant – Ibram. Ministério do Turismo. Fev/1891. (FBC/doc. Part. MJ.891.02.12)

OLIVEIRA, Adozinda Magalhães de. Correspondência familiar. **Fundo Família Benjamin Constant**. Museu Casa Benjamin Constant – Ibram. Ministério do Turismo. Fev/1886. (FBC/AD MJ.886.02.10/3)

OLIVEIRA, Adozinda Magalhães de. Correspondência familiar. **Fundo Família Benjamin Constant**. Museu Casa Benjamin Constant – Ibram. Ministério do Turismo. Out/1894. (FBC/AD MJ.886.02.10/11)

OLIVEIRA, Adozinda Magalhães de. Correspondência familiar. **Fundo Família Benjamin Constant**. Museu Casa Benjamin Constant – Ibram. Ministério do Turismo. Mar/1906. (FBC/AD MJ.886.02.10/37)

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL006-1891.htm. Acesso em 13/09/2021 as 17:30.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em 14/09/2021 as 18:58.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

CALEIRO, Regina Célia Lima. O positivismo e o papel das mulheres na ordem republicana. **Unimontes científica**. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez, 2002.

CATELLI, Rosana. Práticas femininas da memória paulista: uma leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves. **Cadernos Pagu**. UNICAMP. Campinas, São Paulo, 1997.

CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. Companhia das Letras, 2 Reimpressão, 2005.

D' INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord.). 7 ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. A história das mulheres e as representações do feminino na história. **Revista Estudos Feministas**. dez, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Correspondência familiar e rede de sociabilidade**. XXV Encontro anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st08-4/4602-mferreira-correspondencia/file>. Acesso em 15/07/2021 as 12:30.

FOUCAULT, M. A Escrita de si. **Ética, Sexualidade, Política**. Manoel Barros da Silva (Org.). Tradução Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004, v. V (Coleção Ditos & Escritos).

GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Gisele Ambrósio. História, Mulher e Gênero. **Virtú** (UFJF), v. 10, p. 1-15, 2010.

HAHNER, June. O Culto da Santa Mãe: A Versão Positivista. In: **A Mulher no Brasil**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.

LE MOS, Miguel. O nosso estado actual e a educação da mulher. In: LACERDA NETO, Arthur Virmond. **Miguel Lemos e a mulher brasileira**. Jun, 2015. Disponível em: <https://positivismodeacomte.wordpress.com/2021/03/07/miguel-lemos-e-a-mulher-brasileira-2/> Acesso em 08/06/2021 as 15:05

_____. MENDES, Raimundo Teixeira. **Comemoração do primeiro centenário do nascimento de Benjamin Constant Botelho de Magalhães**. Rio de Janeiro: IPB, 1936.

LE MOS, R. L. C. N. (Org.) **Cartas da Guerra. Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

_____. **Benjamin Constant: Vida e História**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. **Bem traçadas linhas. A história do Brasil em cartas pessoais**. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2004.

_____. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. **Revista Estudos Históricos**, v.10, nº19, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. Editora Contexto. 10ª edição. Fev, 2004.

MENDES, Raimundo Teixeira. **A venerada memória da senhora D. Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães. Eterna Esposa de Benjamin Constant**. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1921.

_____. **Benjamin Constant: Esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira**. Segunda Edição. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil. 1913.

_____. **A Mulher. Sua preeminência social e moral, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva**. Rio de Janeiro: 4 edição, n. 273, 1958.

MATTOS, Raimundo César de Oliveira. **As cartas revelam – Analisando o oitocentos através da correspondência**. XIV Encontro Regional ANPUH-RIO Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191678_ARQUIVO_ASCARTASREVELAM.pdf. Acesso em 17/08/2021 as 17:56.

MORUJÃO, Isabel. Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos. **Revista de Estudos da Religião**. PUC-SP, São Paulo: Editora Paulinas, ano 11 n. 1, jan/jun. 2011.

OLIVEIRA, Loraine Lopes de. MARTINIAK, Vera Lúcia. Ordem e progresso: Augusto Comte e as influências do Positivismo na educação das mulheres na Primeira República brasileira. **Revista Educação e Emancipação**. São Luís, v. 11, n. 1, jan./abr. 2018.

PEREIRA, Mabel Salgado. O papel da mulher no positivismo ortodoxo brasileiro: um projeto conservador. **Ces Revista**, Juiz de Fora, v. 30, n. 1. p. 235-246, jan./jul. 2016.

PERROT, Michelle. Traços. In: **As mulheres ou os silêncios da história**. Editora EDUSC. Jan, 2005.

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Minha história das mulheres**. Editora Contexto. 2ª edição, 6 reimpressão. São Paulo, 2019.

PORTELLA, Isabel Sanson. A Pátria. Pedro Bruno (1919). **Museu da República**. Outubro, 2015. Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/a-patria/> Acesso em 30/08/2021 as 15:28.

SALGUEIRO, Valéria. **De pedra e bronze: Um estudo sobre monumentos. O monumento a Benjamin Constant**. Editora EdUFF. Niterói, 2008.

SILVA, Giuslane Francisca da. A mulher e família burguesa no Brasil oitocentista. **Seminário do ICHS - Humanidades em Contexto: Saberes e Interpretações**. Mato Grosso, 2014. Disponível em: <https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/viewFile/1603/360> Acesso em 26/08/2021 as 15:25.

SILVEIRA, Amaro da. **Monumento a Benjamin Constant Botelho de Magalhães - Fundador da Republica Brasileira**. Apostolado Positivista do Brasil, Rio de Janeiro, 1925.

TAMBARA, Elomar. A Educação feminina no Brasil ao final do século XIX. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, p. 67-89, abr., 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30628> Acesso em 05/02/2021 as 17:35.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. In: FARIAS, Marcilene Nascimento de. Rev. Estud. Fem. Dez, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ref/a/hmjvW49H4tDLhzBnhVn5rTM/?lang=pt> Acesso em 27/05/2021 as 15:13.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Positivismo no Brasil**. Edições Câmara. Edições Câmara, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=G9sGEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=positivismo&ots=5ke2zOKrHM&sig=Thdi0HhdZOR7OWwovwEQHZqqOKE#v=onepage&q&f=false> Acesso em 25/05/2020 as 12:11.